

**PODEM AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONSTRUIR LUGAR?
POÉTICA URBANA, PRÁTICAS ARTÍSTICAS E MEMÓRIAS EM DISPUTA.**

**CAN ARTISTIC PRACTICES BUILD PLACE?
URBAN POETICS, ARTISTIC PRACTICES AND MEMORIES IN DISPUTE**

Lilian do Amaral Nunes (Lilian Amaral) / UFG

RESUMO

A presente discussão centra-se na reflexão sobre práticas artísticas como processos de escrita criativa co-elaboradas junto a Pontos de Cultura e Memória, entendidos como Museus do Território, na cidade do Rio de Janeiro, como parte de uma experiência a/r/tográfica vivenciada em mergulhos geopoéticos andarilhos - práticas críticas, de mediação cultural e ativação dos territórios culturais urbanos. Nessas circunstâncias abertas surgem determinados projetos nos quais nos deteremos para aprofundar a compreensão da expansão de limites tensionados pela arte contemporânea, propositora de espaços de encontros entre arte e vida, estética e política e entre artista e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas artísticas, museus do território, geopoética dos sentidos, a/r/tografia, poética do Sul.

ABSTRACT

The present discussion focuses on the reflection on artistic practices as co-elaborated creative writing processes with Culture and Memory Points, understood as "territory's museum", in the city of Rio de Janeiro, as part of an a/r/tographic experience occurred in geopoetic immersions, - critical practices, cultural mediation and activation of urban cultural territories. In these open circumstances arise certain projects in which it will deepen the understanding of the expansion of limits tensioned by contemporary art, proposing spaces of meetings between art and life, aesthetics and politics and between artist and society.

KEYWORDS: *Artistic practices, territory's museum, geopoetic of the senses, a/r/tography, poetic of the South.*

Introdução

Na presente reflexão apresentamos um conjunto de experiências em torno de determinadas configurações que implicam práticas artísticas como práticas críticas, tendo o espaço e a esfera pública contemporânea iberoamericana e seus diálogos com lugares de memória e cultura, aqui entendidos como museus do território, como espaços entremeios, de experimentações, copesquisa, participação e compartilhamento, articulados às atuais concepções da museologia social.

O projeto de coinvestigação e cocriação toma a cidade do Rio de Janeiro como Lugar-Observatório de processos de transformação urbana e do patrimônio cultural contemporâneo. Nossa análise é focada em experiências realizadas em contextos urbanos cariocas imersos em intensos processos de transformação social, as quais emergem da vivência junto a quatro museus do território, e por meio de dispositivos disparadores – processos de escrita criativa co-elabor-ativa, e da realização de ações de mediação cultural, perpassam por diversos lugares do subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro. Operamos a partir da memória dos moradores do complexo de favelas da Maré e sua articular percepção espaço temporal, em direção à problemática da sustentabilidade socioambiental em torno da restinga da Marambaia em Sepetiba, passando pela memória do samba carioca e seu cotidiano até as histórias negadas da diáspora africana e da crueldade do tráfico negreiro, inscritas na arquitetura e na paisagem do Cais do Valongo e no cemitério dos pretos novos. A experiência, intercâmbios e andarilhagens poéticas promovidas pelo “Pontão de Cultura e Educação Tear” (doravante Pontão) realizadas ao longo de 2017, contou com a concepção, supervisão e participação do grupo de pesquisa R.U.A.: realidade urbana aumentada, coordenado por esta pesquisadora.

O Pontão é uma iniciativa do Instituto de Arte Tearⁱ (IAT) que vem sendo realizada desde 2015, inserido no contexto da Lei Cultura Viva, visa a sensibilização estética para o fortalecimento de processos criativos e produtivos dos agentes da rede de Pontos de Cultura a partir da implementação de uma tecnologia social dialógica de produção e partilha de conhecimentos. Essa construção criativa teve como base o *encontro* (com o lugar, com o espaço habitado e seus percursos, consigo e com o outro) e por isso se fundamentou no que chamamos de *mergulhos poéticos*, interação sistêmica vivenciada em diversos lugares e em plataformas digitais,

entendidos como espaços de criação, memória, formação, intercâmbio, sistematização e comunicação. O conjunto de ações (2015 / 2016 / 2017) estruturou as *Rotas da Memória: entrePontos cariocas*, uma proposta de Museu difuso, transitório e nômade, que operou como interface de memória ativando territórios a partir da mobilização de organizações locais que reinventam o conceito de museu, pelo modo de escavar nas memórias locais e trazer a público antigas e renovadas lutas. O projeto envolveu os Pontos de Cultura e memória Museu do Samba, Museu da Maré, Ecomuseu de Sepetiba e o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - Museu Memorial. Nos aproximando do conceito de uma Geopoética dos Sentidos por meio de processo performativo atento às mudanças no espaço urbano e sua influência nas subjetividades, buscamos desenvolver um modo de interação que, a partir do que chamamos de mergulhos poéticos andarilhos pudesse desdobrar em um processo de escrita processual criativa e co-elabor-ativa.

Tal processo está ancorado na renovada abordagem da museologia social contemporânea, estruturada em favor de políticas públicas participativas, de uma museologia inclusiva, acessível e libertária, que busque a emancipação dos sujeitos a partir de suas memórias. Reforça-se a ideia dos museus em diálogo com a sociedade, como práticas sociais estratégicas para o desenvolvimento dos países latino americanos e como processos de representação das diversidades étnica, social, cultural, linguística, ideológica, de gênero, de credo, de orientação sexual e outras, e do direito à memória dos grupos e movimentos sociais. As diretrizes desta museologia com a qual operamos perpassam a noção dos museus como espaços de investigação, documentação, comunicação, e preservação da herança cultural, com a missão de educação para a transformação da realidade social, buscando, também a valorização dos diversos tipos de museus, enfatizando os museus comunitários, ecomuseus, museus do território, museus locais, museus de resistência e de direitos humanos. Nesse aspecto, destaca-se a ideia de processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural propiciando a participação ativa da comunidade no desenho das políticas museais (CHAGAS, 2016).

Prática artística, mediação e espaços da memória

O espaço habitado, assim como os objetos e os corpos parecem carregar consigo, inscritos, o entrelaço de memórias por muito apagadas, memórias que se encontram no cruzamento do comum com o próprio lugar, do público com o privado. Mas como refazer os laços de antigas subjetividades que, de um modo ou de outro, são também a nossa? Pode a prática artística mediar este processo de (re)ver, ou melhor, como nos convida o poeta Manoel de Barros, de *transver*? Somos no lugar e, como nos lembra o geógrafo brasileiro Milton Santos, cada lugar é ao seu modo o mundo. Desta forma, a indagação estética em interação com os diversos usos do espaço, suas relações afetivas e as práticas estruturadas e estruturantes dos agentes sociais no lugar permite acessar, na mesma ação performativa, passado, presente e futuro no mesmo movimento em que o espaço urbano é ressignificado por essa ação. Entender o mundo como museu, que articule passado e futuro (MARTIN-BARBERO 1997, 2004), demanda descobrir os dispositivos de ativação da memória e do olhar a partir da experiência vivenciada, do espaço habitado.

Artérias e seus fluxos: cartografias em movimento e a ideia de rotas

A produção de mapas é uma tecnologia do poder que, à força de inesperada criatividade, vem sendo apropriada e desapropriada, por aqueles que lhe foram historicamente invisíveis. Mas mapear objetos, lugares, instituições pode ser uma tarefa relativamente simples, considerando o acesso que hoje temos a ferramentas de geolocalização e indexação. Todavia, se a ideia é atravessada pelo desejo etnográfico afetivo de captar sentidos de pertencimento, identidade e os modos em que se dá a expressão estética de um determinado modo de ocupar a cidade, como cartografar poéticas? Neste ponto se entrelaça nosso diálogo com as *Cartografias Artísticas* na direção de uma partilha geopoética. Já na concepção do projeto do Pontão, em 2014, foi preciso conceituar o espaço, para logo cartografá-lo em relação, em uma pesquisa solidária que captasse as produções subjetivas em/com/sobre o espaço habitado, dando origem ao conceito de *rotas*. Ao lançarmos um olhar à procura da relação entre o espaço urbano e a produção simbólica dos seus habitantes, percebemos logo essa relação íntima entre memória, identidade e o espaço habitado, o lugar. Todavia, como cartografar esse emaranhado assimétrico que é o Rio de Janeiro? Como ler seus sentidos outros? Sabíamos, junto com Pierre Levi (1996), que “o espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao

cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos”. Essa relação íntima dos sujeitos (indivíduos e coletivos) com o uso do espaço urbano, que cria vínculos afetivos - topofilias - e subjetividades não hegemônicas, assim como também de heterotopias urbanas, outros presentes, base para os inéditos viáveis (FREIRE, 2011). Trata-se de identidades e estéticas urbanas em movimento, de uma cultura viva, invisíveis aos olhos do que não flui. Ao longo dessas vias, inúmeras iniciativas culturais proliferaram e frutificaram, tendo, muitas delas, sido reconhecidas como *Pontos de Cultura* ou *Ações Locais*. Esta abordagem compreende cada *rota* não apenas como uma via de circulação urbana, mas como complexos definidos pelos usos e percursos cotidianos de faixas importantes da população na sua relação com a cidade. Enquanto a *rota Brasil* envolve toda uma dinâmica a partir das artérias da Av. Brasil e região da Leopoldina, passando pela maioria dos bairros do subúrbio carioca, de Sepetiba aos grandes complexos de favelas do Alemão e da Maré, as rotas *Valongo* e *Rebouças* traçam, por sua vez, trajetórias ligadas ao Centro da cidade, o cais do porto e a baía, uma, e a outra às rotas de circulação pelas zonas Sul e Norte. Nesse movimento de olhar modos de indagar juntos, de apreender-em-relação, nos aproximávamos já do campo da a/r/tografia (IRWIN, 2013), apresentado por esta pesquisadora associada ao projeto do Pontão.

Rotas da memória: entrePontos cariocas.

A convergência dos Percursos formativos e da experiência de mediação andarilha com as contribuições do campo da museologia social e da a/r/tografia, somadas aos elementos da cibercultura e às reflexões em torno das cartografias geopoéticas, do patrimoniável, e das experiências trazidas pelos próprios Pontos de memória entendidos como museus do território, consolidaram-se na configuração de uma proposta de Museu difuso, nômade e temporário, entendido como uma interface da memória. Começamos identificando e aprofundando o conhecimento do trabalho de Pontos de Cultura como centros de memória e ações museais no território, buscando traçar as interações de mediação cultural que desenvolvem com os espaços urbanos. Para tal, realizamos em novembro de 2016 o Colóquio Cartografias artísticas, territórios poéticos, no auditório do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM. A partir do colóquio aberto ao público, uma série de ações e encontros foi disparada, dando origem ao *GT do Patrimoniável* - conceito que vem sendo elaborado por redes de educação do patrimônio e mediação cultural na ibero-

américaⁱⁱ - composto pelos quatro Pontos mais o Pontão Tear. Buscando indagar semelhanças e singularidades dos coletivos entre si e com o espaço urbano, cada Ponto do GT mediu por meio de *andarilhagens* pelos seus lugares na cidade - entendidos como prática de atualização de sentidos e significados. Provocamos o grupo com uma primeira pergunta “*podem as práticas artísticas produzir território?*” que relemos, em diálogo com a noção de cartografias poéticas, com o processo de construção coletivo junto aos Pontos e com a noção de lugar apresentada acima, como “*podem as nossas práticas artísticas e de mediação produzir lugar/território?*” A partir dessa instigação foi criada uma agenda de visitas/andarilhagens em cada um dos quatro pontos. Entendendo memória, cultura e identidade como um entrelaço complexo que articula as espaço-temporalidades humanas, e que podemos acessar a partir do lugar, a estratégia traçada buscou inter-relacionar, por meio da interpolação de diversas tecnologias da memória, o que Levy (1993) chamou de “tempos do espírito”: a oralidade primária, a escrita e a informática. Buscamos criar assim, dispositivos de criação, captura, reflexão e aprofundamento da experiência. Para isso, de forma transversal e integrada aos processos de mediação no território, as ações de produção co-elabor-ativadas de saberes e sua partilha, implicaram a concepção e implementação de duas plataformas digitais na web e a publicação de um livro digital. Estes se tornam necessários como engrenagens de um dispositivo de memória complexo cujas funcionalidades se complementam: uma cumpre de forma imediata o papel de memória em construção com-par-trilhada que acompanhou o processo a/r/tográfico, nomeado de *Fórum de escrita criativa co-elabor-ativa*; outra, de mapeamento, produção e partilha de conteúdos de forma colaborativa na web, o *Astrolábio*ⁱⁱⁱ e a publicação em formato digital aberto, para ampla distribuição, contendo relatos e reflexões de todos os atores envolvidos nos processos coautorais.

As *andarilhagens* foram disparadoras do processo de escrita criativa co-elabor-ativa proposta ao grupo do Patrimoniável. Além da vivência de mediação apresentada por cada Ponto de memória, como museus do território, as andarilhagens foram performadas por meio de vivências poéticas propostas pela equipe de artistas/educadores do Instituto Tear. A plataforma na web recebe as contribuições oriundas das vivências em cada andarilhagem, completando como interface de memória, a noção de museu difuso. Um espaço de captura da experiência, do afeto,

AMARAL, Lilian. Podem as práticas artísticas construir lugar? Poética urbana, práticas artísticas e memórias em disputa In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3778-3787.

das impressões e das interações, mais do que da análise posterior e distanciada pelos processos de escrita linear e racional.^{iv} Assim, o *Fórum de escrita co-elaborativa: memória, território e o patrimoniável* configura-se como espaço de pesquisa, criação, intervenção, compartilhamento e reflexão acerca de percepções e de memórias de vivências “andarilhantes”, a/r/tografadas coletivamente nos diversos territórios, reais e imaginários. Conforme comentamos no fórum de escrita co-elaborativa,

“Espaço de invenção, questionamento e intercâmbio de processos de mediação cultural e artística que opera no campo da educação patrimonial, como forma de construção de narrativas em territórios em transformação. (...) Desta forma, como construção processual, um devir coletivo e flexível, sua configuração seja a do patrimoniável.”^v

O Fórum foi constituindo-se, deste modo, em *produto-processo* do trabalho desenvolvido, independente do processo de escrita final recolhido no e-book *Rotas da memória, entrePontos cariocas*^{vi}. O uso desta tecnologia da inteligência, como elo da interface de memória, permitiu o acompanhamento e a intervenção em tempo real por parte de todos os envolvidos nos trabalhos. Desta forma, ao articular experiência/lugar/tempo/memória/partilha/co-criação, a plataforma operou como um “alargador” do tempo de reflexão/sensibilização/partilha dado nos encontros vivenciados. Desse modo, o conteúdo possui um valor estético processual, ligado intimamente à vivência, motivo pelo qual não foi feita uma revisão dos textos para seu enquadramento em normas técnicas ou acadêmicas de publicação. O *Fórum*^{vii} retrata, como uma espécie de diário de bordo, esta singular experiência que se dá no âmbito subjetivo e se amplia e complementa, no e com o coletivo.

Como assinalado anteriormente, a proposta de escrita co-elaborativa: memória, território e o patrimoniável desenvolvida com nossa co-curadoria e supervisão, dialoga intimamente com o campo da a/r/tografia, uma abordagem metodológica baseada na prática artística e na escrita colaborativa, cuja referência principal é a artista e pesquisadora Rita Irwin (2009). Como termo, foi concebido incluindo propositalmente o signo de barra (/), de modo que a mesma represente uma certa equidade e coexistência entre as três identidades que o compõem, segundo as siglas do original em inglês – *artist/researcher/teacher*: o a/r/tógrafo é então, um artista/pesquisador/educador. A noção de ‘grafia’ alude a ‘texto’ de modo que, ao

AMARAL, Lilian. Podem as práticas artísticas construir lugar? Poética urbana, práticas artísticas e memórias em disputa In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3778-3787.

estabelecer uma conexão entre arte e texto, alinha as artes junto da narrativa como uma iniciativa conjunta. "*A/r/tografia é uma combinação de arte e grafia, ou imagem e palavra*"^{viii}. Em tempo, o termo nos fala também de uma escrita co-autoral cuja narrativa é tecida pelo a/r/tógrafo e pelo contexto/pessoas, no lugar. Do mesmo modo, como apontávamos anteriormente, esta ação a/r/tográfica se deu em diálogo com a Geopoética dos Sentidos com a qual vimos operando, baseada na construção co-elabor-ativa que se dá na prática do *lugar* – *pressupondo, uma performatividade entre corpo e cidade, o que implica em deslocamentos como procedimentos*^{ix}.

Entre seus objetivos destacamos o investigar as transformações urbanas por meio de sistema de cartografia artística/cultural; mapear e analisar, para entender as dinâmicas do lugar; visualizar, para interpretar as articulações diversas que acontecem no território; projetar, para traçar novas dinâmicas produtivas; colaborar, para potencializar e multiplicar as capacidades criativas.

Das vivências andarilhas surgiram objetos/conceito que, como metáfora, abriram novas percepções sobre a totalidade/mundo: a tarrafa (Ecomuseu de Sepetiba), o surdo (Museu do Samba na Mangueira), a pedra (IPN – Instituto Pretos Novos no Cais do Valongo), o Tempo (Museu da Maré). Estes objetos/conceito operaram como urdiduras simbólicas que foram sendo tecidas no Fórum de escrita criativa e co-elabor-ativa, de modo entrelaçado às cartografias artísticas e mergulhos poéticos que ativaram os territórios da memória. Como parte do decorrente processo reflexivo/criativo, produziu-se o curta-documentário sobre a experiência compartilhada e em deslocamento, intitulado *Rotas da Memória entrePontos Cariocas*^x que buscou uma síntese audiovisual das rotas.

Reflexões em processo: prática artística e o patrimoniável como poética do Sul
Toda inscrição na memória do humano é uma releitura que projeta no tecido social sua narrativa, independentemente da tecnologia da inteligência utilizada para essa escrita. Toda escrita é uma releitura. Fórum de escrita co-elabor-ativa, ações/práticas artísticas e video/memória-museu difuso; A nossa proposta de ação co-criativa/indagatória é um movimento de ativação dos territórios, de intervenções performativas que excitam a derme do lugar habitado; a/r/tografar territórios artísticos sensíveis, como cartografias poéticas; é um vir a ser de novas/ancestrais memórias coletivas; (nos) afetar e assim achar os nexos do *Nós-Eu* de que nos fala Norbert Elias. A arte como mediação cultural e social, como um ato de re-

AMARAL, Lilian. Podem as práticas artísticas construir lugar? Poética urbana, práticas artísticas e memórias em disputa In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3778-3787.

encantamento do espaço. A mediação cultural como um ato performativo de arte e de educação. Privada de “notoriedade” e legitimidade institucional, e por vezes perseguida como fonte de subversões, a memória encontra refúgio no âmbito do cotidiano da vida privada e de lá emerge em momentos inesperados, saltando do espaço privado ao público. É ao encontro dessas memórias vivas nas experiências estéticas no lugar que se articula o dispositivo. Entramos nos territórios por outras dimensões do lugar que passam pelo afeto, pelo uso, pelo inventário, instigados a indagar, “podem as práticas artísticas construir lugar?” O encontro com o outro, no seu lugar, no lugar comum, como espaços estranhados pelo olhar alheio que ali performa e comunga de ritual poético de co-criação; os passos, os sons, os olhares, as palavras, a mudança, as memórias, as releituras: a possibilidade de uma escrita co-elabor-ativa a partir da vivência com/no/do lugar/mundo/museu; Uma escrita que articula os três tempos do espírito - da oralidade; da escrita, e da informática - de modo a colher, junto com o "excedente de visão estética" que só o outro tem de mim, de que nos fala Bakhtin (2003), a partilha da experiência estética. Um dispositivo de memória que acha na *outredade* do espaço praticado o nexos vital de uma estética do nós-eu descolonizado. Uma percepção do que pode ser patrimoniável se ergue desde o Sul global como possibilidade de uma reeducação desse olhar atravessado pelo viés da colonialidade. Pensar desde o lugar a totalidade-mundo, desde o encontro co-elabor-ativo, em um movimento de escrita criativa é uma aproximação aos sentidos de uma “poética do Sul”, um “ato de resistência contínuo que sabe ler paisagem e corpos e não apenas os códigos da língua oficial/colonial” alinhado à poética de uma pedagogia do Sul (BARRIA MANCILLA, 2014).

Notas

¹ A presente investigação se insere como plataforma de atuação e prática crítica desenvolvida em copesquisa com o Instituto Tear, tendo a colaboração estreita de Cláudio Barría Mancilla, que coordenou processos de mediação entre o Pontão de Cultura e o GT do Patrimoniável sob nossa supervisão, sendo, desta forma, também, coautor das narrativas desenvolvidas neste processo co-elabor-ativo. O Instituto Tear surge em 1980 como Escola de Arte, inspirada no movimento de Escolinhas de Arte do Brasil. Em 2000 nasce o Instituto de Arte Tear, uma associação sem fins de lucro voltada para a promoção da arte/educação junto a crianças e adolescentes de classes populares, atualmente convertido em Pontão de Cultura no RJ. Ver: <<http://institutotear.org.br/fios-da-memoria-2/>>.

² Em setembro de 2012, ocorre a 1ª Conferência Internacional de Educação Patrimonial em Madri, com a apresentação por parte desta pesquisadora do projeto Museu Efêmero, onde é feita uma distinção importante entre contribuições europeias e latino-americanas sobre o patrimônio consagrado e em transição, o que implica começar a conceituar a ideia do "patrimoniável", apontando já para uma visão descolonizadora da re-existência cultural, baseada na prática, no pertencimento e na identidade. A palavra "patrimoniável" aparece pela primeira vez no II Workshop de Redes em Ciências Sociais, Econômicas e Humanas, México, Brasil, Chile, EUA, Espanha e Panamá (em novembro de 2013, Bogotá, Universidade Antonio Nariño). Mais especificamente, na

Mesa de Trabalho Art & City. Mas é em abril de 2014, em Fortaleza, Ceará, Brasil, com ocasião do 5º "Seminário do Patrimônio Cultural de Fortaleza" e, em outubro de 2014, no "II Congresso Internacional de Educação Patrimonial (...)", que a ideia do "patrimoniável" foi consolidada como uma nova categoria, talvez nascida ad hoc para o contexto brasileiro, colombiano e latino-americano de forma geral, lateral e paralela aos debates sobre educação patrimonial, especialmente no contexto europeu. Ver: <<http://www.rededelopatrimoniale.com/>>.

³ O Astrolábio é uma plataforma de mídia colaborativa concebida, desenhada, programada e gerenciada pelo Pontão Tear, com uso de software livre e plataformas de código aberto, como o Wordpress e *plugins open source*. Houve especial cuidado na concepção do design, de modo a propiciar a partilha de conteúdo. Todos os conteúdos publicados no Astrolábio encontram-se sob licença *Creative Commons*, permitindo e estimulando seu uso total ou parcial com citação das fontes originais. Acessar <<http://astrolabio.org.br>>. A revista tem página própria nas principais redes sociais: <<http://facebook.com/astrolabio>>; <<https://www.instagram.com/revista.astrolabio/>>; <<https://medium.com/astrolabio>> e <<https://plus.google.com/u/0/+AstrolábioRevista>>.

⁴ Pesquisadas diversas ferramentas disponíveis na web optamos pela plataforma *Paper* ligada ao serviço de nuvem *Dropbox*, na sua versão gratuita para organizações.

⁵ Comentário por nós formulado no processo de escrita criativa deixado na plataforma do Fórum.

⁶ No prelo.

⁷ O Fórum *escrita criativa co-elabor-ativa*. pode ser acessado diretamente na plataforma em que foi sendo produzido, no link: <<http://bit.ly/ForumEscrita-Colabor-l>>.

⁸ Tradução própria do original em inglês: "Artography is a coming together of art and graphy, or image and word." Springgay, Irwin & Wilson Kind, 2005. p.900. Ver também: <<http://artisticintellect.com/2013/08/05/artography-as-methodology/>>.

⁹ Ver: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/09/Lilian%20Amaral.pdf>>.

¹⁰ O curta-documentário encontra-se disponível no link <<https://vimeo.com/253543367>>.

Referências

- AMARAL, Lilian. Cartografias artísticas e territórios poéticos [recurso eletrônico] / São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. Disponível em <<http://www.memorial.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Cartografias-Art%C3%ADsticas-e-Territ%C3%B3rios-Po%C3%A9ticos.pdf>>. Acesso em 20/05/2018.
- MANCILLA, Cláudio. *Pela poética de uma pedagogia do Sul, diálogos e reflexões em torno de uma filosofia da educação descolonial*. Tese de doutorado, UFF, Educação, Niterói: 2014.
- CHAGAS, M; *Das "Utopias Museais" ao Pragmatismo Estruturado*. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, no. 7. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- IRWIN, R. *Artografia: uma mestiçagem metonímica*. In: AMARAL, L; BARBOSA, A. M. (orgs) *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Edições SESC SP, 2009.
- LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993, pg. 36.
- _____. *O que é o virtual*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1996.
- MARTÍN-BARBERO. Jesús. *Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Lilian Amaral

Artista visual, curadora e pesquisadora no campo da Poética Urbana Contemporânea, Ativismo e Novos Meios. Pós-Doutora em Arte, Ciência e Tecnologia pelo IA/UNESP e UB/Espanha. Pós-Doutora em Arte e Cultura Visual pelo PPG FAV UFG / Media Lab BR. Bolsa Capes/PNPD. Mestre e Doutora em Artes pela ECA/USP. Pesquisadora MediaLab <<https://medialab.ufg.br/>> e BR ::AC Barcelona Recerca Arte y Creación | Universidad de Barcelona - <<http://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/brac>>.